

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

| Preços de assignatura                  | Anno<br>36 n.ºs | Semest.<br>18 n.ºs | Trim.<br>q n.ºs | N.º<br>à<br>entrega | 32.º Anno — XXXII Volume — N.º 1110 | Redacção — Atelier de gravura — Administração<br>Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4<br>Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial<br>Praça dos Restauradores, 27 |
|--|-----------------|--------------------|-----------------|---------------------|-------------------------------------|--|
| Portugal (franco de porte) m. forte... | 3\$800          | 1\$900             | 5950            | 5120                | <b>30 de Outubro de 1909</b>        | Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.  |
| Possessões ultramarinas (idem).....    | 4\$000          | 2\$000             | 5950            | 5120                |                                     |  |
| Extrangeiro e India.....               | 5\$000          | 2\$500             | 5950            | 5120                |                                     |  |

## S. A. A Duqueza de Aosta, em Lisboa



EMBARQUE DE S. A. A DUQUEZA DE AOSTA

### CHRONICA OCCIDENTAL

Outra vez estão funcionando, para um novo anno lectivo, todos os collegios, escolas e liceus.

Manoel, meu afilhado, já bastante espigadote, voltou para o collegio onde é alumno interno. Depressa passaram os dois mezes de férias que veio gosar em casa, e ahí recommçou agora para elle, e para os seus tristes companheiros na desdita, o martirio do internato. Fui acompanhá-lo até lá, o que elle me agradeceu com soluços, com beijos, e um demorado abraço, como se eu tivesse ido acompanhá-lo ao patíbulo.

Na sala de espera, onde a mesma scena de despedida se repetia entre outros grupos de alumnos e parentes, os pequenotes e os rapazotes choramingavam e esfregavam os olhos ás mangas das blusas.

Tinha chovido, estava um dia sombrio, e nas quatro ou cinco arvores do quintalório para onde deitava uma das janelas da sala, já não se via uma folha! Das paredes baixas, sob o velho tecto de taboas de fôrro, fendidas e desunidas, desprendia-se um fedor triste de baffo; o campé de palhinha tropego e sórdido, a um canto; a mesa redonda, de pé de galo, coberta com um pedaço de reposteiro; a meia duzia de cadeiras truncadas; todos aquelles tarecos encontrados e regateados num dia de feira da Ladra, estavam cobertos de poeira, da poeira que sobre elles se accumulara durante o tempo das férias, em que toda a gente fugira do casarão pombalino, como d'uma coisa negregada e excomungada.

Por uma porta que ora se abria, ora se fechava, e constantemente rangia nos gonzos ferrugentos, entrevia-se a hediondez das aulas, afundadas na penumbra d'um saguão; os mapas geograficos e de pesos e medidas, descoloridos e bolorentos, caíndo em bocados das paredes; os bancos muito altos enfileirados entre as renques das carteiras muito baixas, como se houvesse o proposito pedagogico de deprimir a capacidade thoraxica dos rapazes, em beneficio da sua capacidade intelectual, obrigando-os a uma curvatura permanente sobre os compendios e sobre os cadernos da escrita; o estrado muito alto para o professor, dominando tudo, marcando uma superioridade de nivel,

que só assim, e por exagero impertinente de disciplina, se impõe aos alumnos.

O meu afilhado choramingava, com os outros; e eu procurava, com dificuldade, animá-lo e convencê-lo de que era uma vergonha, uma deploravel vergonha para um rapaz da sua idade do seu tamanho, e quasi com bigóde, mostrar-se renitente em voltar para o estudo, depois de dois mezes de férias, dois longos mezes em que se não fez outra coisa senão comer, dormir e brincar! Depois, procurando outros argumentos, sabendo encontrar nelle uma boa corda a vibrar pelo lado do coração, falei-lhe da necessidade de muito se adeantar e de muito saber, para entrar cedo a ganhar a vida. Elle não ignorava que a pobre mãe não tinha outra ambição que não fôsse a de vê-lo forte e feliz; elle era toda a sua esperança e toda a sua fortuna; só elle poderia restituir-lhe um dia toda a alegria que a desventurada perdera no braço forte do marido e no apressado dismantelamento do seu lar.

Pouco a pouco, o meu rapaz conformava-se com aquillo que supunha ser, de todos os avisos, o melhor aviso. Enxugavam-se-lhe os olhos, desoprimia-se-lhe a alma, todo elle se recompunha e des-anuviava. Quando o vi pronto a recommear de bom grado o sacrificio, apertei-o nos braços, fingindo querer transmitir-lhe esse fluído de energia que do exemplo dos fortes parece desprender-se para o estímulo dos tibios — e safei-me. O meu desejo, o meu grande desejo naquelle momento, seria dizer-lhe que se safasse tambem...

Nas nossas casas de ensino, vive e perdura a tradição de que a escola é uma especie de jaula onde as familias e os tutores encerram as creanças até á idade em que ellas, crescidas e robustecidas, se insubordinam contra essa clausura. O horror da escola começa para ellas num momento em que, porque cometeram alguma ligeira maldade, se lhes diz em ira:

— «Ora deixa-te tu estar que não tardas a ir para o collegio!»

Associadas assim, no animo infantil, a idéa da falta e a idéa da penalidade, quando as creanças entram num collegio vão já muito certas de que entram numa clausura.

Na sua imaginação pequenina, confundem-se logo, e insensivelmente, na mesma perspectiva ameaçadora, a idéa do trabalho e a idéa da condemnação. A escola é uma prisão; o regimen do ensino é um regulamento



S. A. A DUQUEZA DE AOSTA A BORDO DO «S. MIGUEL»  
(Instantaneos Benoiel)

de presidio; o estudo é um castigo aplicado sob as mais variadas fórmulas torturantes.

Esta é a noção que as crianças levam do que seja um collegio, quando entram num collegio. Uma vez lá dentro, tudo se entende, se conjuga, e concorre para lhes fazer crêr que aquella era a verdadeira noção, a noção exacta do infortunio irremediavel.

A casa é negra, é nua e é fria. A cama é dura, o asseio é pouco, a alimentação é má. O professor é um pesadelo; o perfeito é um carcereiro; o sistema do ensino é um sistema penitenciario.

Sommando todo o tempo de férias — férias grandes, férias do Natal, férias da Paschoa — ficam oito a nove longos mezes dentro de cada anno, para o exercicio nefasto do internato. Quando acontece que este multiplicando se toma por um multiplicador quatro, cinco ou seis — pois não são raros os casos em que as crianças ficam internadas nos collegios durante quatro, cinco e seis annos — tem o pequeno condemnado adquirido habitos de rancor por tudo quanto possa parecer-lhe obrigação de trabalho.

A saída do collegio, restituído áquillo que supõe ser a liberdade, esse adolescente entrará na vida corrente de luta e de incessante faina, obcecado pela mesma idéa pueril de que o trabalho é uma condemnação perpetua. E fugirá ao trabalho, de que nunca poderá conhecer os intimos encantos e as gratas compensações, como teria fugido, se pudesse, ao estudo que elle nunca poude amar, porque nunca lh'o mostraram sob um aspecto amavel.

Desprendido então de todos os laços fortes da familia, afeito já ao isolamento de todos os affectos, indifferente a todas as legitimas alegrias da força e da vontade, elle nem sequer cuidará de procurar um estímulo ou de tentar uma resistencia. Será a victima, timida e imbele, do abandono e das paixões.

JOÃO PRUDENCIO.



### S. A. a duquesa de Aosta, em Lisboa

Desde o dia 14 do corrente que estive em Lisboa S. A. a sr.<sup>a</sup> duquesa de Aosta, Helena de Orleans, irman de S. M. a Rainha sr.<sup>a</sup> D. Amelia, tendo vindo de Paris no *Sud Ex. re. s.*, acompanhada pelo sr. conde Perroni de S. Martino, capitão Peritelo e uma dama.

Recebida na *gare* do Rocio por S. M. a Rainha, S. A. o Infante D. Affonso, presidente do conselho e ministro do reino sr. conselheiro Wenceslau de Lima, ministro dos estrangeiros, sr. conselheiro Roma do Bocage, governador civil sr. dr. Motta Prego, general da 1.<sup>a</sup> divisão, marquês do Faial, conde de Tarouca e encarregado dos negocios da Italia, partiu, depois dos cumprimentos, para o paço da Pena, em automovel com toda a comitiva, etc.

A sr.<sup>a</sup> duquesa de Aosta, tendo vindo de visita a S. M. a Rainha, demorou se na Pena até o dia 20, em que partiu para a ilha da Madeira, no vapor *S. Miguel*, e ali passará alguns dias, seguindo depois viagem ao Cabo da Boa Esperança, Beira e Rhodesia.

Sua Alteza foi acompanhada até ao embarque, por S. M. a Rainha D. Amelia com suas damas e camaristas de serviço, vindo também á despedida S. A. o sr. Infante D. Affonso e os srs. conselheiro Wenceslau de Lima, dr. Motta Prego, conde de Sabugosa, Vasconcellos Porto, directores da Empreza Insulana de Navegação, etc.



### O Tropheu de Xadrez Luzo-Britannico

(Trecho da «Ode Triumphal» á Rainha D. Amelia, declamada no sarau do Gremio Litterario, para inauguração solemne, em 14 de outubro de 1909)

Foi o Oriental Oceano  
Taboleiro de Xadrez  
Em que Portugal ufano  
Jogou com o Reino Inglez.  
Quão formidavel partida!  
Eis Grã-Bretanha lusida  
Com as gemmas do Indostão!  
Ondas do Tejo infelizes,  
Nobres corseis sem telizes,  
Galopam na escuridão!

Quaes collares de diamantes,  
Esmeraldas e rubis,  
Talhados, n'alguns instantes,  
Perdem as filhas gentis,  
Os Dominios Portuguezes  
Viram passar aos Inglezes  
Joias de tanto fulgor,  
Que, lá no opposto Hemispherio,  
Por mercê do Luso-Imperio,  
Pompêa mui grão senhor.

Porque não tendes no collo,  
Molucas, Ceylão, Ormuz?  
Bem sei que as neves do Pólo  
Não carecem de outra luz.  
Macau, Timor, Damão, Góa,  
Não já rival de Lisboa,  
Choram antigas irmãs.  
Torso que não sonhou Guido!  
Não deixeis cahir no olvido  
De Aurora vestes louças.

Nação que nunca foi fraca  
Perde mil rosas de Abril;  
Adeus Maldivas, Malaca,  
E Tanger, Ceuta, Brazil!  
A Corôa Portugueza,  
De todas linda princeza  
Na dynastia de João,  
Com sentido mais ethereo  
Englobára em seu imperio  
A Persia, a China e o Japão!

Mas, como ha Juiz permanente  
Que rege o Mundo veloz,  
Quem sabe se essa India ardente,  
(Presa em Cythera por Vós)  
Com nupcias não porá fim  
Ao dote de Bombaim?  
Se o Throno de Portugal  
Vae ter noiva de Inglaterra,  
Governarão toda a Terra  
Vossos Netos, afinal.

No anniversario das Lizes,  
(Dia de São Wenceslau)  
Tem as flores mais matizes  
As aves melhor sarao.  
Pois não possuo o Universo,  
Vae tu, epinico terço,  
De Amelia os pés tapizar.  
Tibia homenagem do Lena,  
O' pura e regia Açucena,  
Dignai-Vos de perdoar.

ALFREDO ANSUR.



### Gaspar da Silveira Martins

Grande tribuno e parlamentar brasileiro. Exerceu grande influencia politica na sua provincia, durante o tempo do imperio. Foi por diversas vezes ministro de estado e de uma vez presidente do conselho. Quando rufo o imperio, no dia 15 de novembro de 1889 — o Imperador mandou-lhe um telegramma, chamando-o á côrte, e pondo-se em



GASPAR DA SILVEIRA MARTINS

viagem foi aprisionado a bordo do vapor que o conduzia, n'um dos portos intermediarios. Regressou a Montevidéo, e só conseguiu vir ao Rio de Janeiro depois do banimento da familia imperial.

Alliado ao partido federalista, habitava de preferencia em Montevidéo, onde afinal veiu a fallecer.

Comtudo, como a sua familia esposa e filhos, residiam sempre na Capital Federal, pôde a viuva obter do governo do general Campos Salles, uma pensão, attendendo aos bons serviços que o fallecido tinha prestado á patria durante toda a sua vida.

O actual presidente da Republica dr. Nilo Peçanha, acaba de ordenar a remoção dos despojos mortaes do grande tribuno, da capital Uruguaya para a capital Brasileira, e necessariamente ser-lhe-hão prestadas por essa occasião, as honras funebres a que tem direito tão inclito cidadão.

LEÃO HORACIO.



## CENTENARIO DA GUERRA PENINSULAR

### O Marquez de La Romana

(Concluido do numero 1109)

Não é possivel prescindir d'estas necessarias reformas, reconhecidas por todos os bons governos, e que tocam ao monarcha como supremo executor das leis. Quando a Hespanha vir este venturoso dia, conte que é primeiro das suas esperanças, e o mais feliz da nossa gloriosa revolução.

Tal é o meu voto: porém, cessando de falar como vogal d'esta Suprema Junta, não devo esquecer que o impugnei publicamente com o meu proceder. Quem sustentou, no exercito e provincia que governei, a auctoridade soberana que V. M. exerce? Quem a recommendou com mais efficazes razões e exemplo? Galliza! cujas desgraças produzidas por uma terrivel invasão me levaram ao seio da tua heroica fidelidade, a quem obedeceste? Respeitaste em mim algum poder que não fosse o da Junta Central? Consenti eu que te separassem de um governo, que estava auctorizado com a minha propria obediencia? Asturias! Não viste levantado o poderoso braço que buscavas com vivas instancias e rogos, e descarregar o golpe do seu poder sobre uma Junta, que depois de reconhecer a soberania da Central, e receber d'ella os auxilios que faltavam aos meus soldados nús e fatigados, se tratava como monarcha, mandava como despota, queria ser obedecida como Bonaparte nos paizes em que domina, e tinha chegado a desobedecer até á vontade expressa do nosso rei o senhor D. Fernando 7.<sup>o</sup>? Com tudo V. M. premiou desobediencia tão escandalosa, e cujos progressos atalhei com excessiva moderação; e por fim separaram-me disfarçadamente do commando, para se honrarem com mais distincção hespanhoes criminosos. Um manifesto documentado mostrará brevemente qual tem sido o meu procedimento.

Eu tinha então as mesmas idéas que hoje tenho, porém as circunstancias pedem imperiosamente um governo, e qualquer é melhor do que nenhum. Então devia obedecer: e hoje não desempenho os deveres do meu caracter senão proponho no meu voto o que me parece mais justo e conveniente á salvação da minha patria.

Ainda que quizesse não podia, depois de ter sido chamado, escusar-me de votar sobre este importante assumpto. Deverei pois confundir a minha voz com a d'aquelles que contemplam o estado actual da nação como o mais favoravel aos sens proprios augmentos? Deverei extinguir a divina chama do patriotismo vendo o sacrificio que tantas victimas da causa gloriosa que defendemos, e de tantos virtuosos cidadãos, que têm acabado cruelmente em suas innocentes moradas, e honestas occupações? Vendo tantas esposas fieis mortas deshumanamente com suas castas e queridas filhas, depois de torpes violencias e obscenidades inauditas: tantas virgens sagradas fugidas dos fechados claustros, conventos, e até muitas servindo de pasto á impiedade libidinosa: e tantos respeitaveis ministros do altar expulsos do santuario, mudados em immundas cavallariças os templos, em que se tributam a Deus as gratas adorações? vendo reduzidos a vis escravos do tyrano tantos povos generosos que só em nós têm esperanza, e que suspiram pelo dia, em que

reunam suas gostosas lagrimas com os ternos applausos, e com a admiração dos nossos triumphos: tantos saques que mudaram a opulencia em lúgubre mendicidade; tantos milhares de valentes hespanhoes, capazes de consolar a patria, e que só servem pela sua fatal disciplina de augmentar nossos males: tantos exercitos compostos dos mais bravos guerreiros da nação, que têm desaparecido nos maiores conflitos da patria, consumidos pela fome, uns e desamparados: e vendo enfim que tantas rendas, e os grandiosos donativos da Hespanha e America, nem chegam para supprir as primeiras necessidades do soldado? Como poderei separar a vista da sorte de dose milhões de habitantes, que devem ser escravos do maior tyrano, ou filhos naturaes do amavel e justo rei Fernando? Como serei espectador tranquillo de tantos, e tão lastimosos objectos, e como os não julgarei superiores aos mais attendiveis e grandiosos interesses pessoases, ao nosso amor proprio, e á nossa total existencia?

Como hespanhol estou determinado a soffrer mil vezes a morte em defeza da nossa liberdade; e na minha classe prestei homenagem ao descendente dos Pelayos, dos Jaymes e dos Garcias: Como general me unirei ao ultimo soldado, que tiver resolução para vingar a patria no ultimo periodo da sua independencia: como representante da nação me escusarei de occupar este distincto logar se não se estabelecer immediatamente o governo legitimo, que não duvidarão de reconhecer as potencias estrangeiras, que representará o nosso amado soberano, e que salvará um povo decidido a morrer por seu Deus e seu rei, e pela felicidade da sua descendencia.

Sevilha, 14 de outubro de 1809.

O MARQUEZ DE LA ROMANA.



## A capéla de Santa Catarina, em Villa do Conde

Por uma confusão, facil de acontecer no deposito de gravuras que temos a publicar, aconteceu sabir no ultimo numero desta revista, illustrando a 8.ª pagina, uma gravura com o titulo — Um ermiterio de aldeia, quando esse titulo devia ser o da Capéla de Santa Catarina, em Villa do Conde, que a gravura representa.

Esta capéla, situada num dos pontos mais elevados da villa, sobranceiro ao mar, mais se recomenda pelo logar do qual se disfruta um dos mais bellos panoramas que os olhos pôdem vêr, do que pelo grande valor da construção.

É pequena a capéla de Santa Catarina. A sua porta principal em ogiva, sobre a qual se abre uma estreita fresta, tem no alto, ao meio da frontaria, o pequeno campanario. A porta lateral diz para o sul e abre-se para debaixo de um cabido coberto, que vae desde a parede da frontaria até á parede que divide a capéla-mór do corpo da ermida.

É sustentada a meio por dois pilares de pedra e nas extremidades por outros dois pilares mais pequenos e assentes em paredes.

Interiormente, na capéla-mór tem boa obra de talha, na qual abriram, ha muitos annos, uma pequena tribuna. Os dois altares que ficam junto do arco da capéla-mór, foram postos ali relativamente ha poucos annos, no mais antigo está a imagem de Santo Antonio e no outro, que é o do lado do evangelho, a imagem de Santa Catarina.

Este ultimo altar foi adquirido ha poucos annos, e pertenceu á capéla que existia na casa da praça Hintze Ribeiro, propriedade da familia Vasconcellos.



## Festa de caridade no parque Gandarinha de Cascaes

A temporada de Cascaes, este anno, tem sido das mais interessantes, de que ha memoria, pela variedade das diversões, iniciadas sob o titulo de *Semana do Outomno*, a que nos referimos nos numeros precedentes e que tem continuado, como a festa de caridade realisada no parque Gandarinha, no ultimo domingo 24.

A festa foi promovida por uma comissão de senhoras sob a protecção de S. A. o sr. Infante

D. Affonso e em favôr do Instituto D. Affonso para educação das orfãos dos officiaes do exercito.

O lindo parque, cedido gentilmente pelos senhores condes dos Oliveas, viu-se, naquella festa, transformado num acampamento de ciganos composto por gentis creanças da colonia balnear em trages caracteristicos e que vendiam sinas. Estas creanças cantaram o côro de *La banda de trompetas*, que foi ensaiado pelo sr. D. Luiz da Cunha Menezes.

No parque havia um moinho classico e em volta deste houve danças e cantares por meninas, em pitoresco trage de moleirinhas, as quaes vendiam tambem bôlos.

Noutro ponto do parque estava armado um pavilhão japonês, onde era servido chá, chocolate, refrescos e doces por formosas *mousmées* a caracter, dando uma perfeita illusão de se estar em Tokio ou Yokohama, etc.

Completando esta diversão, que foi ao mesmo tempo uma novidade, tocou a charanga da armada um escolhido repertorio, assim como o sexteto do *Sporting Club*.

S. A. o sr. Infante D. Affonso honrou com a sua presença a festa, que decorreu animadissima com um enorme concurso da colonia balnear de Cascaes, do Estoril e outras praias proximas, tendo ido tambem muitas pessoas de Lisboa da nossa primeira sociedade.

O produto das entradas, foi, como dissemos, para o Instituto D. Affonso, suprindo assim a falta que este instituto teve este anno da festa que o sr. Infante D. Affonso costuma promover em beneficio do mesmo, pois a que se realisou na primavera foi destinada a acudir ás desgraças do Ribatejo.

Bem hajam os promotores destas diversões, que proporcionando horas de alegre distração, vão assim auxiliando obras meritorias em que não são esquecidos os infelizes.



## A Restauração do Café «Martinho»

Não é Lisboa com os seus quinhentos mil habitantes — a decima parte, por exemplo, de Londres — uma tão grande Babilonia, que a reabertura dum botequim melhorado, mas de que maneira melhorado! deixasse de ser um acontecimento, e dos mais sensacionaes, nestes dias que vão correndo, em que a cada hora por assim dizer, a sensibilidade publica é despertada por inumeras fórmias diferentes.

Esta pacata Lisboa, que conheci meia dormente, ainda tão metida consigo, tão bisonha, tão modesta em suas aspirações mundanas, com seus tabelecimentos de armações de pinho pintadas a tinta verde, todo o ideal da arte e do luxo da conservadora e ferrenha burguesia, com as suas mulheres de capote e lenço e os seus peraltas de casacas de briche, com as segas de baleia e os omnibus de Belem, principiou a despertar ha annos a esta parte, a acudir o pó dos seculos, a movimentar-se aos empurrões do progresso, enfeitada pelas modas de importação e a sahir do seu cantinho, em viagens ao estrangeiro pelas vias aceleradas dos caminhos de ferro.

Então tudo começou a mudar na cidade de Ulysses; os vestuarios, desde a aristocracia até ao povo, a convivencia, transplantando-se para o pais a planta exotica do *high-life*, distincção barata das classes, a habitação, o mobiliario, a terapeutica com uma infinidade de preceitos higienicos que cavaram fundo em maus habitos e usos inveterados, não escapando á onda reformadora os estabelecimentos commerciaes, onde muito havia que reformar, e Lisboa toda se tem transformado, assistindo os lisboetas, em cada dia, em cada hora, a essas sucessivas transformações, na ancia de progredir e recuperar o tempo que viveu entregue á contemplação de suas velharias.

Um acontecimento sensacional, a restauração do *Martinho*, o historico café que resistiu aos tempos e sobreviveu a outros seus companheiros da velha Lisboa, como era o café do Marcos Filipe, no largo do Pelourinho; o do Casaca, junto a S. Julião; o Grego, na praça dos Romulares ou Caes do Sodré, onde se reuniam os maritimos; o do *Martinho* da Arcada onde os pés de boi do comercio iam tomar o seu café depois do jantar; o do Nicola, que Bocage tornou celebre num dos seus improvisos, e de que Nicolau Tolentino fez

cenario para descrever os peraltas que o frequentavam; o do Freitas, onde se encontravam os militares e os valentões em que se contava o Carvalho corcunda, filho do ultimo carrasco que houve em Portugal.

O Marrar do Chiado, ponto de reunião dos janotas, centro do bom tom, onde aparecia Cunha de Sotto Mayor, que era o figurino da epoca, não perdoando á primavera para se apresentar de calça de fina ganga amarela, empresilhada, e de polainas, colete da mesma fazenda, casaca de fino pano azul com botões amarelos, rosa ao peito e chapéu de palha, ainda que chovesse agua a potes.

A todos estes companheiros o *Martinho* do Largo de Camões sobreviveu com a historia tambem dos seus frequentadores, que eram a gema dos homens do seu tempo, os aristocratas dos pergaminhos e os do talento, os professores e os poetas, os artistas e os politicos, enfim todos os intellectuaes que discutiam, que planeavam, que conspiravam, sob aquelle tétó, a dentro daquellas paredes, ora descarregando murros sobre as mesas no acalorado das discussões, como agora praticam nas salas do parlamento, ora escrevendo artigos revolucionarios para os jornaes, no tempo do Costa Cabral, o que provocava de vez em quando as visitas dos façanhudos caceteiros que eram os bufos da epoca.

Era o *Martinho* de então, onde Garrett no seu aprumo de janota irrepreensivel, de cabeleira posita e barba por baixo do queixo, entalada sob os colarinhos de bicos apertados na gravata de tres voltas ao pescoço, ia tomar seu café, fumar charuto e dar entrevista aos pretendentes a poetas ou a dramaturgos que o consultavam. E nesta roda quantos ali passaram que se distinguiram nas letras: Julio Cesar Machado, por exemplo; Ernesto Marrecos, poeta de raça que foi acabar seus dias diretor de uma alfandega em Africa; Ernesto Biester, que teve a sua epoca no teatro, não deixando de aproveitar as lições do mestre e quantos outros que não me ocorrem na rapidês destas linhas.

Mas ainda lá concorriam outras sumidades das letras, das ciencias, da politica, das artes: João de Andrade Corvo, Rebello da Silva, Joaquim da Costa Cascaes, Latino Coelho, José Julio Rodrigues, Antonio Augusto de Aguiar, Bulhão Pato, Zacharias d'Aça, José Estevão, Rodrigues Sampaio, Victor Bastos, o autor do monumento a Camões, Thomaz da Fonseca auctor do monumento dos Restauradores, Annuciação e João Christino, que no *Martinho* deu o alarme de loucura em que acabou o resto de seus dias; tantos e tantos homens de valor que ali passaram e de que só resta a memoria nas obras que os recordam.

Está ainda vivo por bem um desses frequentadores: Bulhão Pato a quem seguramente os achaques que o acompanham no seu retiro do Monte de Caparica, não permitiram vir assistir á inauguração do novo *Café Martinho*. Como elle se rejuvenesceria tambem ao vêr o velho cenáculo rejuvenescido, como que o decrepito Fausto á magica varinha do Diabo; como elle evocaria ali todo aquelle passado de que fez parte brilhante, e como seria grande sua surpresa na presença de uma transformação tão extraordinaria.

O *Martinho* era como que uma instituição nacional, com o seu Valentim, que serviu café, chá e torradas a duas ou tres gerações que ali os foram tomar.

Não sabemos se o Valentim assistiu a algumas das transformações porque passou aquella casa, mas é de supôr que sim; nenhuma porém o surprenderia tanto como esta e não sei mesmo se lá do outro mundo para onde partiu ha annos, o surprenderá agora: «Se memoria desta vida se consente», como diz Camões.

A surpresa foi geral para todos nós e não sei que mais admirar, se a arte e riquêsa em que fui encontrar o novo *Café Martinho*, se a coragem, o arrojo dos proprietarios que não hesitaram em dispendir ali algumas dezenas de contos, para dotarem esta capital com um *Café-Restaurante* á altura das primeiras capitais do mundo, onde ha maiores estabelecimentos deste genero, mas onde não os ha mais ricos de ornamentação e de arte.

A transformação do velho *Martinho* deve-se á arrojada iniciativa dos srs. Rivera Alvarez & C.ª, que devem ter dispendido uns setenta contos de réis para realisarem toda aquella obra, e ninguem que visite o novo *Café Restaurante* se surpreenderá com a elevada quantia.

Este *Café-Restaurante*, que fica sendo o primeiro de Lisboa, occupa, além do pavimento terreo

## Festa de Caridade no Parque Gandarinha de Cascaes



AS MOLEIRAS JUNTO AO MOINHO

em que estava instalado, o primeiro andar, que fórma uma galeria aberta ao centro e sustentada por grossas columnas de ferro revestidas de escariola imitando perfeitamente marmore avermelhado. Capiteis doirados encimam as columnas, sobre que assenta a balaustrada da galeria e a custosa cimalha de elegantes volutas, tendo salientes caprichosas cabeças de satiros e bacantes.

As columnas tem suas correspondentes de pilastras nas paredes que formam apainelados, onde resaltam anjos que rematam as decorações relevadas sobre fundos pintados de paisagens em jardins monumentaes. Por toda a parte se vêm graciosas pinturas nas paredes e nos tétos, e brilham as decorações a ouro numa riqueza fantastica de palacios encantados.

As gravuras que apresentamos a nossos leitores, dão bastante ideia do aspéto geral dos dois pavimentos, cuja descrição minuciosa seria ainda imperfeita.

Por toda a parte os fôcos de luz eléctrica espargem jorros de luz, havendo ainda ao centro um grande lustre com a força iluminante de 700 velas.

Por isto se pôde calcular o surpreendente efeito de luz que as salas apresentam á noite.

De dia a luz entra tambem a jorros pelas amplas portas, e no pavimento superior da galeria, pelas largas janellas de uma varanda sahida quasi dois metros, com pavimento de vidros *carlós* e onde se encontram mesas para tomar refrescos em dias de calor.

E' grande o contraste do velho com o novo *Martinho*, quer no aspeto exterior quer no interior, como se pôde vêr das gravuras que apresentamos, e que ficam sendo uma recordação, do velho cenaculo, com seus arcos em abobada, sobre pilares forrados de espelhos, toda a opulencia decorativa a que se chegava, sem arte e sem gosto. Esses espelhos a que se miraram trez ou quatro gerações, desaparecerem enfim, alguns já partidos pelo ultimo vendaval de pedradas e tiros de que foram

testemunhas, na celebre noite de 18 de junho de 1907, em que o sr. João Franco voltava da sua visita ao Porto.

Aquella noite foi o ultimo golpe para o velho *Martinho*, que ora renasce das proprias cinzas da arte.

Toda a parte decorativa foi dirigida pelo sr. João Vaz, pintor distinto, bem conhecido, e professor da escola industrial de Xabregas, que fez todas as pinturas. O trabalho de esculptura foi executado pelo sr. Josef Füller, professor de modelação da mesma escola.

O novo *Café-Restaurante Martinho* deu ensejo a uma bela manifestação da arte nacional, abriu um exemplo para mostrar o muito que se pôde fazer com artistas portugueses, quando haja quem lhe queira aproveitar as suas aptidões e tenha animo de empreender obras de iniciativa fóra do vulgar.

Quando outros motivos não recomendassem á consideração publica os proprietarios deste estabelecimento, srs. Rivera e Alvarez, dois homens novos e simpaticos que tiveram a coadjuval-os na sua audaciosa empresa o sr. Castanheira de Moura, conhecido industrial que tem realiado uma completa revolução na industria de padaria, em Lisboa, quando estes industriaes não se distinguissem por suas qualidades pessoas que os recomendam como uns cavalheiros, o grande melhoramento que realisaram em Lisboa com o seu novo *Café-Restaurante Martinho*, merece o agradecimento da cidade que pôde apresentar aos estrangeiros que a visitem um restaurante como os primeiros que se encontram por essas grandes capitães de Londres, de Paris, de Vienna d'Austria, de Berlim ou Madrid, onde é proverbial o luxo dos seus botequins, para o madri-leno que ali trata todos os seus negocios e passa quasi que a vida.

Póde e deve ir nisto o interesse dos proprietarios do restaurado

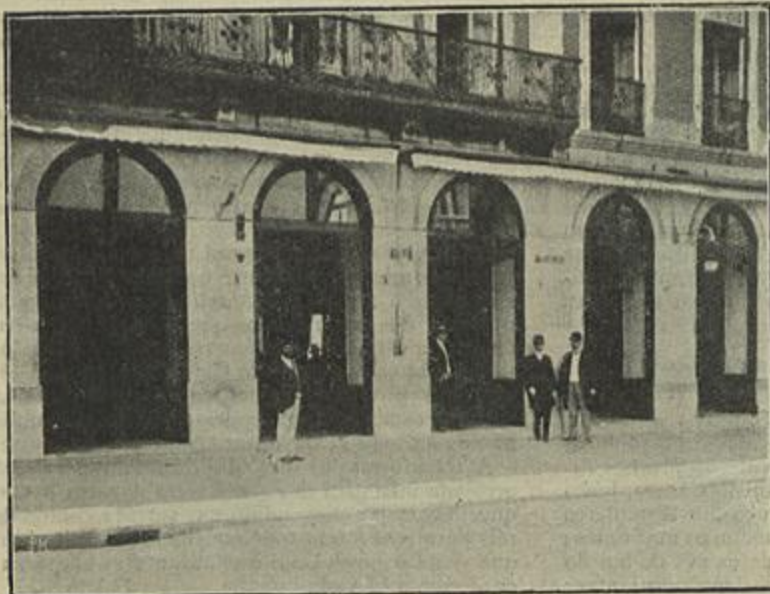


AS «JAPONESAS» QUE SERVIAM O CHÁ

*Café Martinho*, mas nem por isso deixam de ter em vista o amor patrio, porque são portugueses, e é com estas e outras iniciativas de valor que verdadeiramente se afirma o patriotismo numa grande aspiração de progresso.

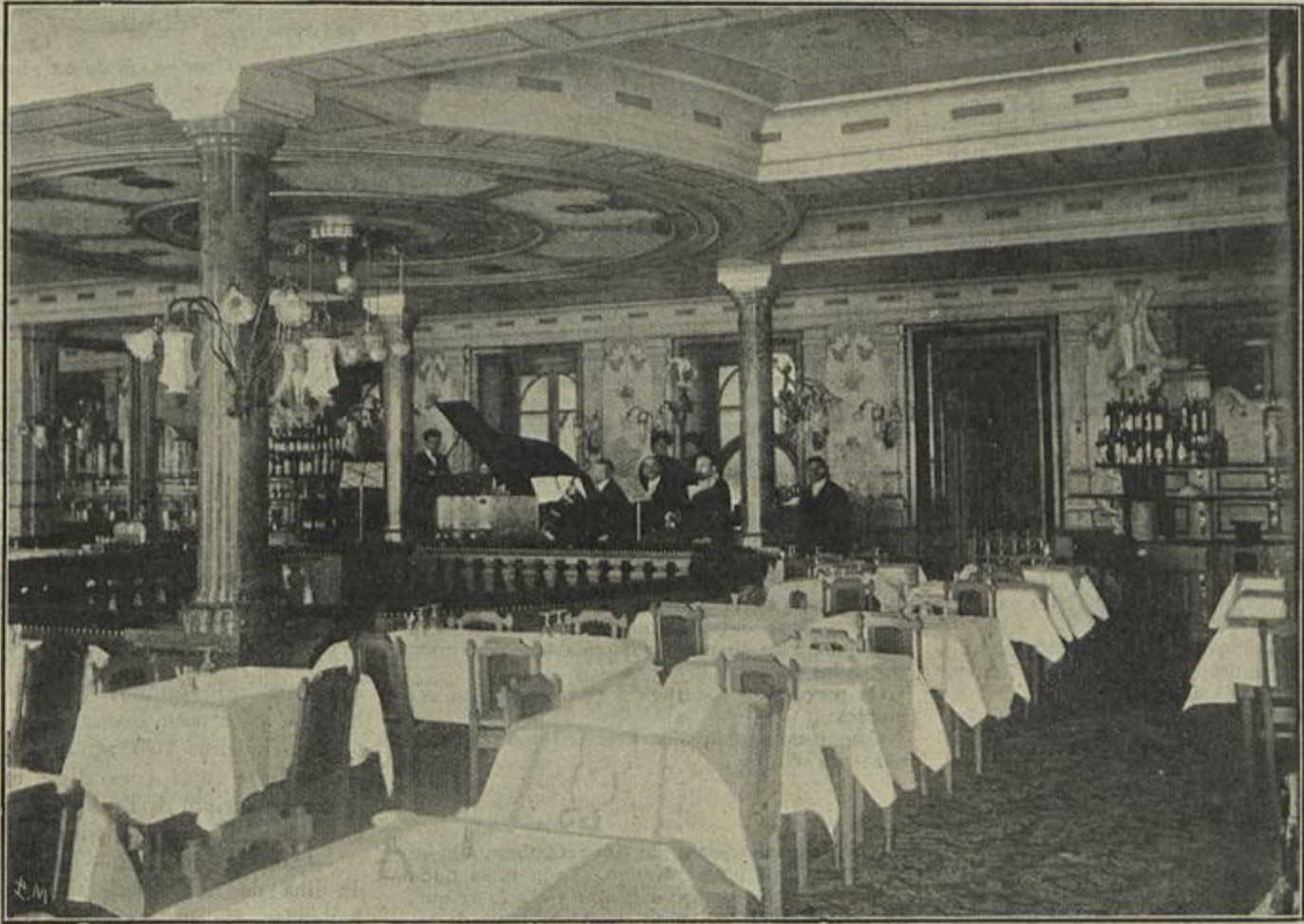
CALTANO ALBERTO.

## A Restauração do Café «Martinho»



O ANTIGO CAFÉ «MARTINHO», VISTA EXTERIOR E INTERIOR

# A Restauração do Café «Martinho»



O NOVO SALÃO DE JANTAR



O NOVO SALÃO DO CAFÉ

## A VELHA LISBOA

(Memórias de um bairro)

## CAPITULO XVIII

## SUMARIO

A rua do Arco a S. Mamede — A quinta da condessa do Calhariz — José Osti e a Floresta Egípcia — Da fabrica de fósforos á fabrica de foguetes — O Jardim Mitologico de Alcantara e o Tivoli da Flor da Murta — Os divertimentos da Floresta — O Teatro e o café — Companhias que ali representaram — Dois desastres ali occorridos — Do Jardim da Italia ao Paraizo de Lisboa — O Palacio dos Rebelloes ou do conde de Ceia — Seus constructores, inquilinos e proprietarios — A casa de Povollide e as moradias dos Furtados de Mendonça, Castilhos e Lencastres — Os cabeleiros de 1835 — A casa dos Farias — Esmiuça-se a sua historia — O palacio do morgado da Alagoa — A Roda dos Enfeitados alojada neste solar — Enumeram-se os seus inquilinos e proprietarios e descreve-se a capella — A quinta do Rato — O palacio do architecto Manoel Caetano de Sousa — Como foi parar á casa Palmella — Obras restauras e reformas — As famigeradas colleções de arte dos Souses Calharizes — Enunciam-se algumas dellas — Venda de dez estatuas de Barros Laboráo — Um furto no palacio — Com isto se dá fim ao capitulo.

Ficámos no capitulo antecedente no tópo da rua do Arco. Insistirei ainda alguns instantes neste arruamento.

Todos os predios que ornarn a rua fóram construidos em parte da quinta dos Soares de Noronha, hoje representados pela casa titular de Murça á qual actualmente alguns d'elles pagam ainda os seus fóros.

Em 1762, sete annos apoz o terremoto, já haviam por aqui doze propriedades de casas; nove do lado esquerdo e três do lado direito. (1)

Nenhuma que mereça especial menção a não ser para mim, pela razão de aqui ter nascido, no predio n.º 75, edificado em 1758 por meus antepassados e reedificado por meu pae em 1886. Por isso tem esta rua, a meus olhos, um encanto especial. É me querida e familiar e nunca é sem comoção que fito essas paredes, aliás vulgares e sem caracter, que abrigaram os meus, que lhe ouviram queixas, que lhe prescutaram alegrias, cujo silencio os aconselhou, cujo socego lhes acalmou os maus bocados da vida, cujo conforto os gahallhou das intempéries da existencia. Tudo isto me acode á ideia e me afaga o coração n'um rapido relancear de olhos.

A esquerda da rua, subido de S. Bento para S. Mamede, verdeja a quinta ou extenso quintalão que foi da falecida condessa de Calhariz de Bemfica, ha pouco vendida juntamente com o predio apalaçado da rua Nova de Santo Antonio, cujo recheio se está leiloando a esta hora (29 de dezembro de 1908) e onde vi, antes desse desabar crudelissimo, que é um leilão, algumas louças da India apreciaveis e algum mobiliario dos bons marceneiros portugueses.

O tópo da rua Nova de Santo Antonio para o lado do Rato, é occupado por um lanço de muro onde se abre um portão. Para dentro ha umas dependencias utilizadas, de ha muito, para cavalariças e cocheiras. Separa-a da quinta, que foi pertença do palacio dos Cruzes Alagoas e que hoje é da viuva Vaz Monteiro, um tosco tapume de madeira.

Esse portão e esses terrenos teem a sua historia.

Nunca ouviu o leitor falar da Floresta Egípcia? Pois foi ali exatamete a entrada e o sitio desse popular divertimento que recreou a Lisboa de ha cincoenta annos.

O famoso pirotechnico José Osti era o proprietario e empresario desse recinto predileto da burguesia lisboeta.

Quem era José Osti?

José Osti era um italiano engenhoso e cheio de iniciativa, popularissimo na capital que o festejava e aplaudia sempre nas suas invenções e habilidades de pirotechnia. Foi o primeiro que introduziu em Portugal a industria dos fósforos, montando uma fabrica desses utilissimos cooperadores das delicias do fumar, no sitio da Cruz de Pau.

Um dia, em julho de 1842, pegou fogo na fabrica e os fósforos cumpriram o seu dever; arderam todos.

Não desanimou José Osti com o desastre e logo ligou o seu nome a novas empresas. O Jardim

Mitologico de Alcantara fez furor, as iluminações e fógos de artificio no Passeio Publico, deram brado.

Foi a seguir á montagem de uma fabrica de foguetes, ali na praia de Santos (em 1849), onde hoje corre a rua Vasco da Gama, que o *divertissement* da Floresta Egípcia começou a funcionar chamando os saudosos frequentadores do *Jardim Chines* e do *Tivoli* da Flór da Murta que, em 1841, acabára vendendo em leilão todos os seus moveis e utensilios. (2)

Ahi por 1851 já funcionava esta especie de feira vedada, a oito vintens por cabeça, pagos ali ao portão que mostrei ao leitor. La dentro novas tentações arrancavam aos visitantes variadissimas quantias.

O *carroussel*, a *montanha russa*, o *pim-pam-pum*, o tiro ao alvo, jogos chinêses e outras diversões, acarretavam novas sobretaxas. Em 1855 inaugurou-se o teatro, no dia 31 de agosto, por sinal.

A casa de espectaculos, a que chamavam *sala de cristal* por ser toda envidraçada, tinha junto o respectivo café restaurante e sala de baile onde a caixeirada, aos domingos, polkava e mazurkava desenfreadamente.

A primeira companhia que representou neste teatro tinha como empresario Francisco Fernandes, actor aderecista que veio a falecer no Brasil, e della fazia parte o velho Pinto de Campos. Depois seguiu-se outra intitulada *Companhia Portuguesa Lirico-Dramatica* que não teve mais prosperidades do que a primeira.

Os preços dos logares do teatro eram os seguintes:

Camarotes: 1:600 réis. Frisas: 1:400 réis. Plateia: 240 réis. (3)

Nesse mesmo anno de 1855 tambem ahi se inaugurou um novo atrativo. Nada mais nada menos do que o perigoso *Looping the Loup* que, ha pouco ainda, foi uma excelente fonte de receita para a empresa do Coliseu, constituindo uma novidade para muita gente. Pois, já ha 50 annos, fez, esse mesmo acrobatismo scientifico, as delicias dos alfacinhas!

Nenhum desastre, que eu saiba, occasionou o arrojado divertimento. Já a *montanha-russa* se não póde gabar do mesmo, porque uma vez um desgraçado rapaz, descendo a no classico carrinho, partiu ambas as pernas.

A tradição oral conservou tambem memoria de um outro desastre que custou a vida a um pobre rapaz, da classe comercial, que tinha ido passear á Floresta. Uma caixa de fósforos (dos taes fósforos de Osti) incendiou-se lhe no bolso; houve certo panico, e um amigo, destes perigosos amigos que o demo inspira, vendo-lhe o fato a arder, pegou nelle e atirou-o a um dos lagos. O incendio extinguiu se facilmente mas o pobre moço morreu afogado.

Hoje que resta disso tudo? Nem um unico vestigio.

O antigo recinto está abandonado. Nem sombra dos Lagos, dos Pavilhões e do Teatro. O terreno em vez de macadamizado e arruado para o rolopiar dos foliões, acha-se bravio e revoltado e entrou de crear couves e alfices; deixou de divertir e passou a alimentar!

José Osti morreu ha muito. A casa n.º 61 da rua Nova de Santo Antonio foi construida por elle e ahi habitou algum tempo. Possue-a agora a ex.ª sr.ª D. Maria Augusta Delié Nunes.

Acabado esse divertimento outro lhe succedeu na voga. Foi o *Jardim de Italia* na rua de S. Bento que, em 1874, deu festas estrondosas á moda do Minho e onde os artistas e costureiras bailavam ao ar livre.

Em geral, estes recintos de folia, teem no nosso meio efémera existencia. O publico que a elles concorre é restrito e raro se renova e a provincia envia os seus filhos a Lisboa com temor injustificado e pouca frequencia.

O resultado é o que se tem visto: trespasse ou leilão.

O Paraizo de Lisboa tem dado exemplos frisan-tes desses fracassos.

G. DE MATOS SEQUEIRA.

(Continua).

## A casa submarina

POR

Max Pemberton

(Continuado do n.º 1109)

Mas não lhe disse nada, porque tinha no bolso alguma coisa que me permitia saber se o que Dolly dizia era verdade, e sabendo-o eu, era justo que os outros tambem o soubessem.

— Quando um homem vê coisa que lhe parece extraordinaria, deve indagar se será ou não natural. Ha no mundo uma quantidade de factos que estão muito além da nossa intelligencia, mas que sem duvida existem e são reaes. A ilha de Ken póde ser uma d'ellas, isto é, póde apresentar-nos coisas que nos pareçam phantasticas e, comtudo, sejam naturalissimas. O francez falava de épocas de somno e de épocas de sol. Pois creio que falava verdade. Se me perguntarem porquê, não o saberei dizer; mas este manuscripto que Rutha me deu ha cinco dias, deve explicar alguma coisa a esse respeito.

Tirei do bolso o caderno e folheei as paginas outra vez, como já havia feito mais de cincoenta vezes durante aquelles dias. Ensebadas e sujas como estavam, porque os bolsos dos marinheiros não são forrados de seda, ensebadas e sujas, como disse, era cumtudo o primeiro escripto de Rutha que podia chamar meu, e por isso preciosissimo para mim.

— Sim — continuei — esta é a historia da ilha de Ken, escripta pela mão de Ruth Bellenden. Ha dez mezes que Ruth desembarcou aqui. O que se terá passado entre ella e Edmundo Czerny durante este tempo, só Deus o sabe! Não é mulher capaz de se queixar, podeis estar certos. Sim, estes papeis o dizem claramente, pelo menos é o que se deduz da sua leitura. E com respeito a isto, tenho que lhes fazer uma pergunta. Para que está aqui Edmundo Czerny? A resposta não póde ser mais breve nem mais clara. Está aqui para enriquecer roubando os pobres naufragos que dão á costa n'esses rochedos.

Não se surprehenderam muito ao ouvir-me, ainda que a minha intenção tinha sido apañhal-os de surpresa.

Haviam advinhado alguma coisa n'aquella noite em que viemos a terra, pois os marinheiros não são tão rudes como muita gente julga. Abriam partanto os ouvidos ao escutarem o que eu dizia, e Peter Bligh, enchendo o seu cachimbo, disse lentamente, passado um momento:

— Lá que elle não está aqui para se entreter em jogos de sala, creio eu.

Os outros, ainda que cheios de curiosidade, não disseram nada, e eu continuei:

— Está aqui para saquear e pelo dinheiro que o saque produz. Adivinham de certo o que elle faz dos infelizes cujos barcos venham despedaçar-se n'esses cachopos. Ha palavras n'estas folhas de papel que gelariam o sangue ao homem mais corajoso. Se se repetirem, ha de ser em sitio onde Edmundo Czerny as possa ouvir e onde tambem as oiçam aquelles que teem de o julgar. O que, porém, nos interessa n'este momento é a ilha de Ken e a sua historia. Ouviram o velho francez falar da época de somno e de sol? Pois tão certo como existir Deus, podem crer que falava verdade.

Ninguém me retorquiu.

Lá em baixo, o mar illuminava-se com os primeiros alvares da manhã. Estavamos então sentados a uns trezentos metros acima do seu

(1) Livros da Superintendencia da decima — No arquivo do Tribunal de Contas.

(2) *Diario do Governo* de 1841 n.º 81.

(3) *Carteira do artista*, por Sousa Bastos.

nível, na concavidade d'uma rocha que nos servia de abrigo, e onde ruído algum, a não ser o que vinha do mar, nos interrompia a nossa conversação.

— E' fabula ou é verdadeira a época do somno e a época do sol? Ruth Bellenden diz que é verdade. Vou-lhes ler o que ella escreveu.

Peter Blijgh soltou um «ah!» e accendeu o cachimbo. Seth Barker, o gigantesco carpinteiro, sentou-se como uma criança, de boca aberta e olhos cheios de assombro, a meu lado. Dolly Venn deitou-se aos meus pés como um cão aos pés do dono.

Abri o caderno e comecei a leitura:

«No dia 14 de agosto, três semanas depois de haver chegado á ilha de Ken, eram quatro horas da manhã quando despertei ao toque de alarme dado por um sino que resoava por toda a ilha. A creada velha, a quem elles chamavam «tia Meg», entrou apressadamente no meu quarto, para me dizer que me levantasse. Já estava vestida quando meu marido entrou, e, sorrindo, disse que tinhamos de ir outra vez para o *yacht*. Isto surpreendeu-me bastante, mas depois de nos conduzir n'um bote até ao barco, vi então que toda a gente branca estava abandonando a ilha, mettendo-se egualmente em botes e dirigindo-se para os rochedos existentes na parte Norte. Edmundo disse-me depois que haviam épocas perigosas n'este formoso logar e que durante essas épocas não se podia viver na ilha, e que todos os seres humanos tinham de a abandonar e não voltar a ella umas vezes durante uma semana e outras durante um mez.»

Voltei a folha.

— Isto como vêem — disse eu — está datado do dia 14 de agosto, isto é, antes de Ruth saber a verdadeira historia ou o que significavam aquellas épocas perigosas. Mais adiante encontra-se outro paragrapho escripto em 27 de setembro, e que diz assim:

«Ha aqui um sitio maravilhoso, a que chamam a *casa submarina*. Foi construída para aquelles que não pôdem escapar d'outra maneira á terrível época do somno. Para ali irei quando meu marido tenha de sahir para a Europa. Pedi-lhe para que me deixasse acompanhá-lo, mas negou-se a isso. Ha palavras mais delicadas para fazer comprehender a uma mulher que perdeu a sua liberdade.

«Novembro, 13. — Tornei a pedir a Edmundo que me permittisse acompanhá-lo a Londres. Disse-me que tinha suas razões para negar-se a fazer-me essa vontade. Ha maneiras de falar a uma mulher que ella não esquece nunca! Meu marido falou-me assim esta manhã,

«Dezembro, 12. — Já sei o segredo de Edmundo, e elle sabe que eu o sei. Só o direi ao vento e ás ondas; só ellas me poderão escutar. Não ha remedio senão ter animo. Esta noite não tenho cabeça, nem mesmo para pensar.

«Dezembro, 25 (Dia de Natal). — Estou só. Ha um anno... Mas para que me serve recordar que *faz um anno*? Estou n'um carcere debaixo do mar, e as ondas batem de encontro os vidros das claraboias com um ruído que parecem dizer: «Nunca mais!... nunca mais!...» De noite, quando a maré baixa, abro a janella e faço uma prece ao mar. Ouvil-a-ha alguém? Não me atrevo a esperal-o.

«Janeiro, 1. — Meu marido voltou da sua viagem. Agora vae á Europa para pôr em ordem os meus negócios. Dirá talvez que Ruth Bellenden morreu?

«Janeiro, 18. — A época do somno durou d'esta vez nove semanas.

«Dizem que da terra surgem vapores que se mantem a certa altura d'ella, formando como que um nevoeiro. Alguns creem que esses vapores procedem das gigantescas dormideiras que crescem nos terrenos pantanosos; outros affirmam que veem dos negros charcos que ha nas gargantas dos montes. Seja lá de onde fór, o caso é, que as pessoas que ficam na ilha, perdem os sentidos e caem n'uma especie de somno cataleptico que dura enquanto subsiste o nevoeiro..

«Coisa extranha!... Algumas não acordam mais; outras perdem a razão; os negros são os unicos que resistem e parece até que os não ataca aquelle phenomeno.

«Estes vapores levantam-se quasi repentinamente, e quando isso succede, toca-se a sineta de alarme para que toda a gente fuja immediatamente para os barcos.

«Janeiro, 25. — Voltámos hoje á ilha. Que cegas e injustas são algumas pessoas! Creio que a tia Rachel está muito satisfeita em viver n'este horrível logar. Anda encantada com Edmundo. «Até que finalmente encontrei uma casa», diz ella cheia de satisfação, e remata: «A casa submarina é o capricho de um joven romantico.» O resto, nada é para ella... Diz que aqui não tem onde gastar a sua fortuna. A tia Rachel foi sempre muito aventureira.

«Fevereiro, 2. — Esta manhã, Edmundo veiu vêr-me, pretendendo que chegaríamos ao que elle chamava «um accordo». O seu carinho affligeme. Quanto se mudaria a minha situação se eu dissesse «sim!» Mas impede-me de pronunciar esta palavra os gritos que ouvi no recife, e as outras coisas que eu sei.

«Fevereiro, 9. — Estou outra vez na ilha e o sol brilha no firmamento. O que eu tenho soffrido, ninguem o saberá nunca. Perfiro a ira de Edmundo Czerny ao seu amor. Entendemo-nos agora um ao outro, perfeitamente.

«Fevereiro, 21. — A prece ao mar, continúa sem resposta. Succederá assim sempre?

(Continúa.)

RICARDO DE SOUZA.



**Franco-Uruguay, Revista Ilustrada.** E' este o titulo de uma revista que se publica em Montevideo, com texto em espanhol e francês, grande profusão de gravuras, impressa em bom papel e com muitas paginas de anuncios. Esta revista é uma affirmação de quanto as colonias francesa e italiana se vão desenvolvendo naquelle país.



## NECROLOGIA

### Conselheiro Antonio Emilio de Sá Brandão

Na sua casa do Estoril faleceu no dia 20 do corrente o sr. conselheiro Antonio Emilio de Sá Brandão, venerando magistrado, presidente do Supremo Tribunal de Justiça.

Nasceu o sr. dr. Antonio Emilio de Sá Brandão a 21 de janeiro de 1821, filho de José Maria Brandão de Mello Cogominho Correia Pereira de Lacerda e de D. Maria Emilia Jacome Correia de Sá, herdeira do 1.º marquês, 1.º conde de Terena e 1.º visconde de Gil Perre, Sebastião Cor-

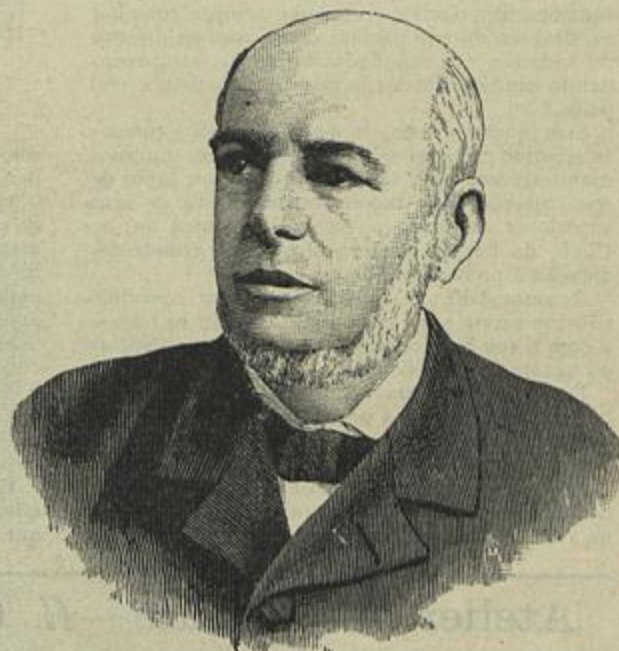
reia de Sá. Neto paterno de Luiz Brandão de Mello Pereira de Lacerda, familiar do Santo Officio, fidalgo da Casa Real, senhor do morgado e Casa da Torre da Marca.

Formado em Direito pela Universidade de Coimbra, encetou sua carreira publica como governador civil do Porto no governo de Costa Cabral, desempenhando ainda o mesmo logar em Viana do Castelo e Coimbra.

Entrando na magistratura judicial como delegado do procurador regio em Lisboa e Porto, chegou ao mais elevado logar de presidente do Supremo Tribunal de Justiça, distinguindo-se em toda a sua longa carreira como um dos primeiros jurisconsultos do fóro português.

Altamente considerado, o seu nome indicava se para mais alta missão, como foi a de ministro da justiça, no ministerio organizado pelo general João Crisostomo em outubro de 1890, numa das situações mais difíceis da politica portuguesa e do país, ferido pelo celebre *ultimatum* inglês.

A organização daquelle governo foi assaz laboriosa, no momento em que os nossos homens politicos se escusavam a formar ministerio. Nestas circunstancias é que entrou nos conselhos da co-



CONSELHEIRO ANTONIO EMILIO DE SÁ BRANDÃO

rôa o sr. dr. Antonio Emilio de Sá Brandão, prestando ao país um relevante serviço, como bom patriota e português, tanto mais vivendo fóra da politica militante, que havia abandonado, tendo sido deputado em tempos.

Em 1891 foi eleito par do reino, passando depois a efetivo. Em 1896, sendo ministro do reino o conselheiro sr. João Franco, foi nomeado conselheiro de estado efetivo. Poucas vezes, porém, tomou parte nesse conselho, devido á sua avançada idade e achaques que o acompanharam nos ultimos annos.

O illustre extinto era moço fidalgo, e agraciado com a comenda de Christo.

O sr. conselheiro Antonio Emilio de Sá Brandão, tendo casado em 1850 com a sr.ª D. Carlota Ignez O'Neill, enviuvou em 1858. Deste casamento houve uma filha, a sr.ª D. Maria Brandão Palha, a quem apresentamos nossas condolencias assim como aos srs. condes de Tarouca e Bertandos, sobrinhos do extinto.

### Coronel João Dias da Silva

Quem nos diria que teriamos de escrever o necrologio de João Dias da Silva, nós, que, sendo já pae de filhos, o conhecemos ainda uma creança, estudante dos mais inteligentes e vivos, espirito alegre, coração aberto e amavel, e desde muito novo revelando sua natural coragem e valor! Tudo isto a morte levou em sua parca, que não faz selecção de velhos ou novos, de bons ou maus, de inuteis ou prestantes.

João Dias da Silva, nasceu em Lisboa a 3 de dezembro de 1852, na freguezia de Santa Catarina, onde logo de rapaz se tornou conhecido e estimado de todos, como mais tarde veio a tornar-se conhecido e estimado de toda a cidade e até em muitos outros pontos do país, onde as obrigações do serviço o levaram e onde sempre soube conduzir-se de modo a conquistar simpatias.

Não exageramos por que é bem notório o que dizemos.

Dedicando-se á vida militar, sentou praça em 1 de setembro de 1873 e completou o curso na Escola do Exercito, sabendo alferes em 5 de janeiro de 1876, para o batalhão de caçadores 5. Em 8 de novembro de 1882 era promovido a tenente; a capitão, em 25 de novembro de 1887; a major, em 24 de setembro de 1898; a tenente-coronel, em 14 de abril de 1906 e a coronel, em 14 de janeiro de 1909.

Em 1893 encontrava-se Dias da Silva no posto de capitão de caçadores 5, e nesse posto foi requisitado para fazer serviço na policia que, em setembro desse anno fôra reformada, sendo admitidos para os postos de comando officaes do exercito.

Foi nesta comissão de serviço que o sr. João Dias da Silva mais se distinguiu e tornou seu nome popular, principiando a ser conhecido pelo Capitão Dias, como em toda a Lisboa lhe chamavam.

Naquelle espinhoso lugar, elle provou qualidades excepcionaes no desempenho do serviço, conseguindo tornar-se respeitado e ao mesmo tempo simpatico e popular.

E' este o verdadeiro elogio do homem e do funcionario policial, que soube sempre conciliar os deveres do seu ingrato cargo com os direitos do cidadão e a equidade da justiça, compreendendo nitidamente a sua missão de ordem e respeito á lei.

Sem quebramento da disciplina soube tornar-se querido de seus subordinados, como muitos o manifestaram com lagrimas nos olhos, junto de seu cadaver. Não menos estimado era de seus superiores em toda a escala jerarquica até ao Chefe do Estado que reconhecia sua grande dedicação á monarchia liberal.

A autoridade de que se encontrou revestido não lhe serviu para cegamente oprimir os fracos, e com o seu bom criterio evitou muitas violencias ou vexames injustificaveis.

Por mais de uma vez provou a sua valentia, que não dispensava a prudencia, e foi assim que se tornou verdadeiramente respeitado e popular, como dissémos.

Ainda ao serviço do batalhão de caçadores 5, comandou a força que foi restabelecer a ordem na cadeia do Limoeiro, numa revolta dos pre-



CORONEL JOÃO DIAS DA SILVA

sos, portando-se com tanta valentia como prudencia.

Já ao serviço da policia, recordamos a captura do celebre cabo n.º 115 da guarda municipal que assassinara um seu superior, no quartel da rua da Estrella e que, com a arma carregada, correu pelas ruas de Lisboa até á redação do *Seculo*, ameaçando desfechar sobre quem se lhe aproximasse.

O capitão Dias, sem receio e corajosamente o foi ali prender, desarmando o e conseguindo que elle se entregasse á prisão.

Foi isto muito falado em Lisboa e crêmos não terá esquecido.

Escusado será lembrar o papel importante que elle assumiu na policia, nestes ultimos annos, em que a tranquillidade publica tem sido, infelizmen-

te, tantas vezes ameaçada pelo espirito de revolta dos tempos. João Dias nunca se escusou aos serviços perigosos que nessas occasões lhe eram reclamados, e expôdo a vida como o primeiro que se apresentava á frente dos guardas civis, elle dava o exemplo do cumprimento do dever, e, ora conciliando, ora reprimindo, dava seu melhor contingente para restabelecer a ordem.

Num desses simulacros de revolta, na celebre noite de 4 de maio de 1905, no mais acêso da desordem, em que cada qual fugia para seu lado em desnorreada correria, o sr. João Dias foi fortemente contundido por um valente sóco no ventre dado por um homem que fugia levando tudo deante de si, sem que se lhe pudesse attribuir o proposito de querer atingir o valente official.

Aquelle sóco, foi, acaso, a causa da morte permatura de João Dias, pois se lhe originou um tumor canceroso de que, afinal, foi agora vitima.

Póde dizer-se que morreu no seu posto, uma morte lenta que o fez sofrer durante mais de quatro annos, resistindo elle quanto poude, sempre no serviço ativo, pois só se recolheu á cama um mez antes do desenlace fatal, occorrido em 20 do corrente.

Como recompensa de seus serviços e porventura consolação da familia, que fica pobrissima, foram dirigidas ao valente official varias portarias de louvôr, como a de 12 de outubro de 1897 por serviços distintos prestados no Algarve; a de 14 de abril de 1903, por ocasião da visita a Lisboa do rei Eduardo VII; a de dezembro do mesmo anno, por ocasião da visita a esta capital do rei D. Affonso XIII; a de 4 de abril de 1905, quando da visita da rainha Alexandra. O presidente Loubet agraciou-o com a Legião de Honra, quando visitou Lisboa, assim como o imperador Guilherme, por igual motivo, lhe conferiu a comenda de S. Mauricio da Alemanha.

Possuia ainda o grande officialato de Aviz, e a medalha de prata de comportamento exemplar.

A morte do coronel João Dias da Silva foi muito sentida tanto nas regiões officaes, principiando por suas magestades que dirigiram sentidas condulencias á familia do extinto, como por todas as classes, sendo seu funeral muito concorrido e vendo-se muitas lagrimas nos olhos dos que o acompanharam até ao tumulo.

Por nossa parte renovamos nossas condulencias a sua desolada familia.

## Atelier de Alfaiate—A. COUTO

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900



Magnifico sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras



RUA DO LORETO

com entrada pela Rua da Emenda, 118; 1.º (á Praça Luiz de Camões)—LISBOA  
TELEPHONE 1815

## Cambios e Papeis de credito

### Vierling & C.<sup>a</sup>, Limitada

NUMERO TELEPHONICO 411

44, R. do Arsenal, 46—1, Esquina do Largo do Pelourinho, 3  
—\* LISBOA \*

Endereço telegraphico—STERLING.

## E. Santos & Freire

LISBOA

Camisaria, gravataria, luvaria e perfumarias

Roupas brancas para homens, senhoras e crianças, cama e mesa

Executam-se enxovaes para casamentos, baptisados e collegiaes

24, PRAÇA DE D. PEDRO, 25

Secção especial de commissões, consignações e negócios commerciaes a cargo do sócio Fernando Freire.

20, RUA DO PRINCIPE, 22

Deposito das afamadas rendas de Peniche

## Consultorio Dentario

Do Dr. Ferreira Pires

Diplomado em Philadelphia e Escola Medica de Lisboa

Extração dos dentes sem dor

Dentes artificiaes colocados sem placa

LISBOA—Rua Jardim do Regedor, 43, 1.º—LISBOA

## Atelier Photo-Chimi-Graphico

P. MARINHO & C.<sup>a</sup>

5, Calçada da Gloria, 5—LISBOA

NUMERO TELEPHONICO, 829

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras.—Os preços mais baratos do paiz, em todos os trabalhos. Execução perfeita.

## CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE -- CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis